

Baldio do Rossio

No século XIX, o "Rocio", actual Praça da República, era ainda um subúrbio da vila, um baldio do concelho para onde a vila começava a estender-se. A designação rossio significa precisamente terreno largo, baldio. A Primeira República tornou o popular Rossio Praça da República (1), mas hoje os dois nomes ainda convivem.

Na primeira metade do século XIX, a Câmara Municipal pediu autorização ao Conselho do Distrito "afim de se proceder ao afforamento do Rocio desta villa, que estava inculto", num contexto liberal que encontrava no fomento agrícola uma das traves mestras para a regeneração do país depois da guerra civil. O baldio era delimitado pela Aldeia dos Cucos (área que corresponde à Rua Luís de Camões), pelo Caminho de São Pedro, Caminho Grande, Caminho de São Marcos e pela vila. Francisco Luís Lopes caracteriza o Rossio, em 1849, como um dos três largos da vila, a nove minutos da Senhora das Salas. Seria então "o mais considerável em tamanho, mas o mais solitário e humilde (2)".

Em Dezembro de 1838, a Câmara aforou vinte e uma courelas (3) a dezanove foreiros, residentes em Sines. Entre eles encontravam-se José Albino Ferreira, vereador da Câmara em 1849 (4) e presidente da Câmara em 1851, e Manuel Rodrigues Pacheco, vereador substituto em 1834 (5). Outro foreiro relevante é Carlos Pidwell, detentor de uma fábrica de cortiça identificada em 1849 por Francisco Luís Lopes como a segunda mais importante da vila (6). Carlos Pidwell aforou duas courelas contíguas.

Os foreiros eram obrigados a fazer "muro de hum taipal de taipa, ou dois palmos e meio de pedra, sobre o qual formará depois o valado com terra dentro da courella, e não da estrada publica (7)", no prazo de dois anos. Durante o mesmo período eram ainda obrigados a "romper e agricultar a dicta courella" com quatrocentos bachelos de vinha ou vinte pés de árvores de fruto. As duas últimas escrituras, datadas de 27 de Dezembro, já exigiam 1000 bachelos.

A primeira vocação dos baldios do Rossio foi então a agricultura. Mas o espaço era central, tinha como extremas vários caminhos e cedo se tornou apetecível como lugar de passagem e de expansão urbana. Em 1840, as casas construídas com frente para o Rossio "serão feitas de pedra e cal, ou pelo menos com barro misturado com cal, e fará uma simalha de meia cana, nas duas frentes do Rocio (8)". O município começava a regerar a construção no largo.

Como lugar espaçoso e de convívio público, as posturas municipais proibiam "fazer excavações no rocio" (9). O espaço dispunha de um poço, aberto em 1868 (10), e de barracões para uso da mesma Junta (11). Procurou-se tornar o Largo do Rossio um local público aprazível, com a plantação de amoreiras (12), na mesma ocasião em que o poço começou a funcionar. Este encontrava-se no centro do Largo, funcionava com uma bomba aspirante e custou ao município 290\$000. As posturas municipais previam multas para quem procurasse destruir as árvores do Rossio (13).

Quando se saía do Largo em direcção a Santiago do Cacém o território estava pintalgado de barracas que serviam de moradias e armazéns, perto de várias fábricas de cortiça (14). Pela sua localização, o Rossio recebia o estacionamento de carros e de animais condutores. Esta realidade levou o Regedor da Paróquia de Sines, em 1905, a propor que se vedasse uma parte do largo para aí instalar um depósito de lixo e um curral público (15). Desconhece-se se a proposta foi autorizada. Apesar das reclamações dos moradores, inquietos com a salubridade do local nos meses de Verão, os carros ainda eram aí estacionados em 1906 (16). É notável que no início do século o Rossio era já habitado por cidadãos com a capacidade para fazer reclamações por escrito à Direcção dos Serviços da Carta Agrícola, o que significa que o local vinha a ganhar importância e respeitabilidade.

Na primeira metade do século XX o Rossio, já Praça da República, era palco de espectáculos e destino de passeios. Aí se instalavam “barracas de teatro (17)” ambulante, barracas de tiro ao alvo no Verão (18). Um coreto permitia actuações musicais durante todo o ano (19).

O Rossio foi também palco de manifestações e reuniões públicas. No dia 6 de Janeiro de 1906 “houve um comício no Rocio, de Sines para protestar, contra o aumento d'impostos”, nas palavras de Adelino de Oliveira (20).

Durante o século XIX as funções agrícolas iniciais do baldio Rossio foram sendo preteridas pelo crescimento urbano e viário. O Rossio tornou-se um local de estacionamento dos carros que vinham carregar e descarregar mercadorias a Sines, por um lado, e, por outro, um espaço de convívio e protesto. Apesar disso, a área envolvente à Praça da República manteve-se rural até aos anos 70, pontilhada por serrados e vinhas. Sandra Patrício

(1) 1910, Outubro, 20, Sines - A Junta da Paróquia de Sines atribui novos topónimos às ruas de Sines. PT/CMSNS/JFSNS02/H/A/A/1/5.

(2) LOPES, Francisco Luís - Breve Notícia de Sines, pátria de Vasco da Gama. Com introdução de João Madeira. 2ª edição. Sines: Câmara Municipal de Sines, 1985.P. 34.

(3) 1838, Dezembro, 23-27, Sines - Autos de arrematação das courelas do Rossio e outros baldios do concelho. PT/CMSNS/CMSNS/NOT/H/2/29.

(4) 1834-1841, Vereações. PT/CMSNS/CMSNS/FOR/H/1/14

(5) 1834-1841, Vereações. PT/CMSNS/CMSNS/FOR/H/1/14

(6) LOPES, Francisco Luís - Breve Notícia de Sines, pátria de Vasco da Gama. Com introdução de João Madeira. 2ª edição. Sines: Câmara Municipal de Sines, 1985.P.102.

(7) 1838, Dezembro, 23, Sines - Auto de arrematação de huma courella de terra no Rocio desta villa, feita a Francisco de Jezus Esteves pela quantia de outocentos e sincoenta reis. PT/CMSNS/CMSNS/NOT/H/2/29/fl. 2-4.

(8) 1840, Setembro, 3-4, Sines . Autuação d'uma petição de Modesto Joze de Almeida, para tomar d'afforamentamento uma porção de terreno do concelho. PT/CMSNS/CMSNS/NOT/H/2/11.

(9) SILVA, António de Macedo e Silva - Annaes do Município de Sant'Iago de Cacem. 2ª edição. Lisboa: Imprensa Nacional, 1869. P. 141.

(10) SILVA, António de Macedo e Silva - Annaes do... idem, pp. 146-150.

(11) 1898, Março, 16 - A Junta delibera officiar à Câmara Municipal de Santiago do Cacém a fim de nomear um zelador para a freguesia e reparar o muro do barracão do Rossio. PT/CMSNS/JFSNS02/A/A/1/5/Fl. 51v.

(12) SILVA, António de Macedo e Silva - Annaes do Município..., op. Cit. Ibidem.

(13) SILVA, António de Macedo e Silva - Annaes do Município..., op. Cit. P.142.

(14) OLIVEIRA, Adelino de - Livro negro d'ephemerides... Op cit. Entrada de 8 de Outubro de 1905.

(15) 1905, Fevereiro, 21, Santiago do Cacém - Proposta do Regedor da Paróquia de Sines para o Rossio. AMSC/AL_CMSC/B/A/001/40.

(16) 1906, Setembro, 25, Santiago do Cacém - A Câmara Municipal de Santiago do Cacém delibera acerca de uma queixa dos moradores do Rossio. AMSC/B/A/001/41/Fl. 88v.

(17) 1928, Julho, 25, Sines- Augusto César Correia, acidentalmente residente em Sines, empresário teatral, Vem requerer licença para montar uma barraca de teatro. PT/CMSNS/CMSNS/LOE/1.

(18) 1928, Julho, 30, Sines- António Mirani, residente em Sines, vem requerer licença para montar uma barraca de escola de tiro. PT/CMSNS/CMSNS/LOE/1.

(19) 1923, Minutas das actas da Câmara Municipal de Sines. PT/CMSNS/CMSNS/FOR/H/10/7.

(20) OLIVEIRA, Adelino de - Livro negro d'ephemerides. [documento manuscrito]. Arquivo Histórico da Junta de Freguesia de Vila Nova de Milfontes. Entrada de 6 de Janeiro de 1906.